
◆◆◆

A Casa Onde Deus Mora

reflexões sobre fé e família

LIVRO N° 006

A Casa Onde Deus Mora

reflexões sobre fé e família



EDITORA SOL E MAR

A Casa Onde Deus Mora

reflexões sobre fé e família

Editora Sol e Mar

Livro nº 006 · 1ª edição · 2026 · Brasil

Distribuição gratuita.

Creative Commons · uso não comercial.

Sem cadastro, sem custo, sem pegadinha.

contato@solemar.com

Todas as citações bíblicas seguem a Nova Versão Internacional (NVI), salvo indicação em contrário.

Este livro não substitui acompanhamento pastoral, psicológico ou médico. Em situações de violência, abuso ou sofrimento intenso, procure ajuda qualificada.

Um sol não cobra para nascer. O mar não cobra para existir.

“

*Eu, porém, e a minha família serviremos ao
Senhor.*

JOSUÉ 24:15 • NVI

O que há nestas páginas

01	A Casa Vazia	6
02	Onde Duas ou Três Se Reúnem	10
03	O Pai Que Espera	15
04	Palavras que Curam, Palavras que Ferem	24
05	Quando a Fé de Um Não é a Fé de Todos	28
06	O Silêncio Entre Nós	34
07	Perdão: A Ponte Que Reconstrói	38
08	Rituais Sagrados do Cotidiano	47
09	Legado: A Fé Que Passa Adiante	53

01

A Casa Vazia

Talvez você já tenha vivido isso. A família toda reunida à mesa, ninguém realmente ausente, e ainda assim aquela sensação estranha de que ninguém está de fato ali. Um filho com os olhos grudados na tela. Um casal que já não sabe começar uma conversa que não seja sobre contas e horários. Uma Bíblia guardada na estante, cheia de poeira, que ninguém mais abre junto.

Uma família pode continuar de pé por fora e estar vazia por dentro. Isso acontece devagar, quase sem ninguém perceber. O costume substitui o encontro. A rotina engole o vínculo. E a fé, que antes era algo vivido em conjunto, vira um hábito repetido sozinho, sem que ninguém mais pergunte o que ele significa de verdade.

Vivemos numa época em que a agenda da família virou uma planilha de compromissos. Trabalho, escola, transporte, telas, cansaço acumulado. Em outras gerações, a vida em casa tinha um ritmo mais lento, com mais tempo ocioso passado junto, mesmo que em silêncio. Hoje, o tempo livre também é disputado, por notificações, por séries, por redes sociais, por um sono atrasado que nunca se recupera de fato. Não é que as famílias de hoje amem menos do que as de antes. É que encontram menos tempo, e menos silêncio interno, para expressar esse amor de um jeito que realmente une as pessoas.

Este livro nasceu de uma pergunta simples, difícil de responder com sinceridade: o que sustenta a sua casa por dentro?

Vale dizer, desde já, que esse esvaziamento não escolhe tipo de família. Acontece em casas tradicionais e em arranjos mais novos, em famílias grandes e pequenas, entre pais e filhos biológicos ou não. O que todas elas compartilham, quando isso acontece, não é a forma da família, mas a ausência de um centro comum que sustente os vínculos quando a vida aperta.

O salmista escreveu algo que continua incomodamente atual. *“Se o Senhor não for o construtor da casa, inútil será o trabalho dos construtores”* (Salmos 127:1, NVI). Não é uma frase piedosa qualquer. É uma frase exigente. Ela diz que todo esforço humano, o trabalho duro, a educação cuidadosa dos filhos, as boas intenções do casal, desmorona quando não está enraizado em algo maior do que a vontade da própria família de dar certo.

Outro salmo, bem mais curto, capta o mesmo anseio de um jeito quase poético. *“Como é bom e agradável quando os irmãos convivem em união”* (Salmos 133:1, NVI). É uma frase que soa quase óbvia até se notar o verbo escolhido. Não diz que é bom quando os irmãos concordam em tudo, nem quando nunca brigam. Diz que é bom quando convivem em união, um tipo de unidade que não exige uniformidade, mas exige presença real, sustentada ao longo do tempo.

Se você abriu este livro, é provável que já tenha sentido esse esvaziamento em algum grau. Talvez não seja uma crise visível. Pode ser algo mais discreto: a sensação de que sua família reza cada vez menos junta, conversa cada vez menos sobre o que importa, e mesmo assim continua funcionando por fora, como se nada estivesse acontecendo.

As páginas que seguem tratam de nove aspectos diferentes dessa mesma questão: a fé como fundação da casa, a espera de quem ama alguém distante, o poder das palavras, as diferenças legítimas dentro de uma mesma família, o silêncio que fere, o perdão que reconstrói, os pequenos rituais que sustentam o dia a dia, e o legado que se deixa para quem vem depois. Nenhum desses temas se resolve sozinho, e é provável que alguns capítulos toquem em feridas mais profundas do que outros, dependendo da história de cada família.

As próximas páginas não trazem uma fórmula pronta. Trazem companhia para essa pergunta, e um convite sincero: que Deus volte a ocupar o centro da mesa da sua casa. Não como decoração. Como fundação.

Há também uma diferença importante entre uma casa vazia por circunstância e uma casa vazia por escolha continuada. Perder um emprego, atravessar uma doença, enfrentar a mudança repentina de cidade, tudo isso pode esvaziar uma família temporariamente, sem que isso signifique um problema mais profundo de fundação. O que este livro trata é de outra coisa: o esvaziamento que se instala mesmo quando as circunstâncias externas estão relativamente estáveis, aquele que nasce de

escolhas repetidas, dia após dia, de adiar o encontro em nome de qualquer outra prioridade que pareça mais urgente naquele momento.

Vale, então, um convite inicial antes de seguir para os próximos capítulos. Não leia este livro tentando identificar de quem é a culpa pelo estado atual da sua família. Raramente existe um único responsável por esse tipo de distância, e a busca por um culpado tende a travar exatamente o movimento que a família mais precisa: o de cada pessoa olhar primeiro para o que está ao seu próprio alcance mudar. Leia com calma, se possível com um lápis por perto. Alguns trechos vão doer mais do que outros, e está tudo bem marcar essas páginas, voltar a elas depois, ou até pular um capítulo para retomá-lo mais adiante, quando fizer mais sentido.

PARA REFLETIR

- 01 *Se você tivesse que descrever, numa frase só, o que sustenta sua família hoje, o que diria?*
- 02 *Existe algum tipo de silêncio, não o descanso, mas a distância, que você reconhece na sua própria casa?*
- 03 *Qual desses nove temas, só de ler o sumário, já desperta alguma coisa em você?*

02

Onde Duas ou Três Se Reúnem

Antes de ser uma instituição, uma doutrina ou um prédio com torre e sino, a fé cristã nasceu dentro de casas. As primeiras comunidades se reuniam em salas de jantar, ao redor de mesas, muito antes de existir qualquer templo dedicado a isso. Não é acaso que Jesus tenha dito: *“Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali estou no meio deles”* (Mateus 18:20, NVI). Ele não estava descrevendo um culto formal. Estava falando de qualquer reunião pequena e sincera, inclusive, e talvez principalmente, a que acontece dentro de uma casa comum.

Essa forma caseira de viver a fé não era um plano provisório para os primeiros cristãos. Era o formato natural da comunidade. O livro de Atos descreve a igreja mais antiga desse jeito: *“Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em casa e juntos participavam das refeições com alegria e sinceridade de coração”* (Atos 2:46, NVI). Repare que a vida espiritual daquelas pessoas não estava dividida entre um tempo sagrado, no templo, e um tempo comum, em casa. As duas coisas se misturavam, e era justamente essa mistura que sustentava a comunidade nos tempos difíceis que viriam.

Há uma cena no livro de Josué que costuma ser lida como discurso de liderança política, mas que no fundo é uma decisão doméstica. Já velho, perto do fim da vida, Josué reúne o povo de Israel e propõe uma escolha: a quem eles vão servir. Antes de esperar qualquer resposta, ele declara a própria posição, não como líder da nação, mas como chefe da própria casa. *“Eu, porém, e a minha família serviremos ao Senhor”* (Josué 24:15, NVI).

Repare no que essa frase não diz. Ela não diz que Josué vai obrigar a família a servir ao Senhor. Não diz que vai impor essa fé a quem mora com ele. Diz apenas o que ele decide para si, na esperança de que essa decisão pessoal se torne também um convite para os que estão ao redor. É uma diferença pequena, mas muda tudo. A fé de uma casa não nasce de uma imposição vinda de cima. Nasce de alguém que decide, primeiro, viver aquilo que deseja transmitir.

Provérbios oferece uma imagem parecida, mais arquitetônica. *“Com sabedoria se constrói uma casa, com discernimento ela se consolida. Pelo conhecimento os seus cômodos se enchem do que é precioso e agradável”* (Provérbios 24:3-4, NVI). Uma casa, nessa leitura, não é feita só de paredes. É feita de decisões diárias, pequenas, quase invisíveis. A forma como se fala. O que se prioriza no tempo livre. Se ainda há espaço para orar junto, ou se a oração virou algo que cada um faz sozinho, quando lembra.

Pense, por exemplo, no tempo do café da manhã, ou no trajeto até a escola ou o trabalho. São minutos que já existem na rotina, independente de qualquer esforço extra, e que raramente são vistos como oportunidade espiritual. Uma pergunta simples, feita nesses minutos comuns, sobre o que está sendo difícil naquela semana, pode valer mais do que uma hora de conversa marcada e formal, que na prática quase nunca acontece por falta de tempo.

É comum que esse tipo de fé compartilhada se perca sem que ninguém perceba exatamente quando. Não existe, normalmente, um dia específico em que uma família deixa de rezar junta. É um processo lento. A agenda aperta. Os filhos crescem e passam a ter compromissos próprios aos domingos. O casal está cansado demais à noite para mais do que um boa noite apressado. Aos poucos, a fé que antes era coletiva vira individual, cada um cuidando da própria alma sozinho, sem perceber que a casa inteira ficou mais pobre.

Se sua família está, hoje, distante desse tipo de prática, vale lembrar que reconstruir não exige recuperar de uma vez tudo o que foi perdido. Como Josué, que não pediu à nação inteira que mudasse no mesmo instante, mas declarou a própria posição e esperou, uma família pode recomeçar por um único gesto simples, sustentado com constância, sem pressa de parecer, desde o início, um lar perfeitamente devoto.

Se essa é, de alguma forma, a história da sua própria família, talvez valha a pena começar por uma pergunta simples e nada confortável. Quando foi a última vez que vocês oraram juntos? Não num culto, não numa ocasião especial. Num dia comum, sem outro motivo além de estarem juntos.

Vale, ainda, uma distinção entre reunir a família para orar e transformar cada reunião numa aula de doutrina. O convite de Jesus fala de presença simples, não de discurso religioso extenso. Uma família que se reúne por dois minutos, de forma genuína, tende a sustentar esse hábito por muito mais tempo do que uma que tenta, desde o

início, reproduzir um culto inteiro dentro de casa, com leitura longa, cântico e explicação teológica.

Há também quem sinta receio de puxar esse tipo de momento por medo de soar artificial, ou por não se sentir à vontade orando em voz alta na frente dos próprios filhos. Isso é mais comum do que parece, inclusive entre pessoas de fé profunda e sincera. A sugestão, nesses casos, costuma ser simples: começar com frases curtas, quase conversacionais, sem se cobrar um vocabulário religioso elaborado. Deus não avalia essas orações pela eloquência. Uma frase gaguejada, dita com sinceridade à mesa de jantar, vale tanto quanto qualquer oração ensaiada, e com o tempo esse desconforto inicial tende a diminuir, ensinando na prática um jeito natural de orar em família que nenhum livro consegue ensinar sozinho.

Vale mencionar, ainda, que muitas famílias descobrem, ao tentar reconstruir esse hábito, uma resistência interna maior do que esperavam, mesmo quando todos concordam, em teoria, que seria bom rezar juntos com mais frequência. Isso acontece porque hábitos antigos, mesmo os que ninguém defende abertamente, ocupam um espaço real na rotina, e substituí-los por algo novo exige um esforço consciente durante várias semanas, até que o novo hábito se torne tão automático quanto o antigo.

Uma forma de facilitar essa transição é escolher um horário fixo, ligado a algo que já acontece todos os dias, como o jantar ou a hora de dormir, em vez de tentar encontrar um momento livre na agenda, que raramente aparece sozinho. Hábitos que dependem de encontrar tempo livre tendem a desaparecer nas primeiras semanas mais corridas. Hábitos amarrados a um evento que já acontece todos os dias, de qualquer forma, tendem a se sustentar com muito mais facilidade ao longo do tempo.

Vale, também, uma palavra sobre as falhas inevitáveis nesse processo. Nenhuma família consegue manter um ritual de oração compartilhada todos os dias, sem exceção, por longos períodos. Viagens, doenças, imprevistos de trabalho, tudo isso interrompe a rotina de tempos em

tempos. O erro mais comum, nesses casos, não é a interrupção em si, mas a desistência silenciosa que costuma vir depois, quando a família simplesmente não retoma o hábito após a primeira falha, como se aquela interrupção tivesse encerrado definitivamente a tentativa. Retomar depois de uma falha, sem culpa excessiva, é parte normal de qualquer hábito duradouro, inclusive os espirituais.

Famílias que conseguem sustentar esse tipo de prática ao longo de décadas raramente são as que nunca falharam. São as que voltaram a tentar, repetidamente, depois de cada interrupção, tratando cada recomeço como parte natural do processo, e não como um fracasso definitivo que invalida tudo o que veio antes. Isso vale também para famílias que estão começando esse hábito pela primeira vez, sem nenhuma tradição prévia de oração conjunta. O começo costuma ser o momento mais frágil, antes que a prática se torne parte natural da rotina. Persistir através dessas primeiras semanas desconfortáveis, mesmo quando parece que ninguém está gostando ainda, é o que separa um hábito que se firma de um que se perde depois de poucas tentativas.

PARA REFLETIR

- 01 *O que mudaria essa semana se sua família decidisse, como Josué, declarar em voz alta a quem pretendem servir?*
- 02 *Existe algum momento do dia, hoje esquecido, que já foi ou poderia se tornar um espaço fixo de oração em conjunto?*
- 03 *Que gesto pequeno e realista poderia marcar o início dessa reconstrução, sem exigir uma mudança radical da rotina?*

03

O Pai Que Espera

Poucas histórias contadas por Jesus atravessaram tantos séculos e tantas culturas diferentes quanto a parábola do filho pródigo, em Lucas 15. E poucas continuam tão atuais quando o assunto é família, porque no fundo ela não é uma história sobre um filho. É uma história sobre uma casa inteira, e sobre os diferentes jeitos de se afastar dela sem nunca sair fisicamente.

O enredo é conhecido. Um filho mais novo pede a herança antes da hora, o equivalente na época a desejar que o pai já estivesse morto. Ele vai embora, gasta tudo, e volta pobre, faminto e envergonhado, disposto a ser recebido como empregado, não mais como filho. O que ele encontra, porém, surpreende qualquer leitor até hoje. *“Ele ainda estava longe quando o pai o viu, o qual, movido por compaixão, correu, abraçou-o fortemente e ternamente o beijou”* (Lucas 15:20, NVI).

Há um detalhe fácil de passar despercebido nessa cena. O texto diz que o pai o viu ainda de longe. Isso significa que aquele pai não estava apenas esperando, sentado dentro de casa, resignado. Estava olhando para a estrada. Estava, de algum jeito ativo, procurando. Era um tipo de espera que não se contentava em ficar parada, mesmo sem saber quando, ou se, o filho voltaria algum dia.

Estudiosos que pesquisam os costumes do Oriente Médio antigo notam um detalhe que os primeiros ouvintes de Jesus captariam na hora, mas que hoje passa despercebido. Um homem idoso e respeitado, como esse pai certamente era, não corria em público. Correr exigia levantar as vestes até os joelhos, uma cena considerada indigna para alguém da sua posição social. Ao correr mesmo assim, o pai da parábola aceitava de bom grado ser motivo de comentário na cidade inteira, só para chegar mais rápido ao filho. Era um amor disposto a abrir mão da própria dignidade pública para restaurar a dignidade de outra pessoa.

O que vem depois do abraço também merece atenção. O pai não se limita a receber o filho de volta. Ordena que tragam a melhor roupa, um anel para o dedo, sandálias para os pés. Cada um desses itens carregava um significado social preciso. A roupa marcava honra. O anel simbolizava autoridade dentro da família. As sandálias distinguiam um filho livre de um servo, que costumava andar descalço. O pai não estava apenas perdoando uma dívida. Estava restaurando publicamente um status que o filho, em sua vergonha, já havia desistido de reivindicar para si mesmo.

Vale notar, ainda, que o filho havia preparado um discurso inteiro, pedindo para ser tratado como empregado, não mais como filho. Mas o pai o interrompe no meio da fala, antes que ele consiga completar esse pedido. É como se o pai recusasse, com um gesto só, a própria premissa da vergonha do filho. Aqui, você continua sendo filho, e essa condição nunca esteve, de fato, à venda.

Quem tem um filho, um irmão ou um pai distante, seja por causa da fé, seja por uma briga antiga, seja por caminhos de vida que simplesmente se afastaram sem nenhum motivo dramático, reconhece nessa cena algo profundamente familiar. E ela carrega um convite difícil. Amar em silêncio, de dentro de casa, sem nunca sair ao encontro do outro, pode não ser suficiente. Às vezes amar exige sair para a estrada, olhar, procurar, mesmo correndo o risco de não encontrar, ou de ser recebido com desconfiança.

Mas a parábola não termina no abraço. Ela continua com um segundo filho, o mais velho, aquele que nunca saiu de casa, que trabalhou, obedeceu, cumpriu todas as regras. Quando vê a festa preparada para o irmão que voltou, ele se recusa a entrar. *“Há tantos anos venho servindo o senhor e nunca desobedeci às suas ordens. Contudo, nunca me deu nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos”* (cf. Lucas 15:29). É uma queixa que soa justa à primeira vista, e é exatamente por isso que ela merece atenção.

O filho mais velho nunca foi embora, mas também nunca esteve, de fato, dentro de casa como filho. Ele se via, sem perceber, como um empregado que cumpria tarefas em troca de aprovação. Sua mágoa não era só contra o irmão. Era contra um pai que ele achava que precisava conquistar, quando na verdade nunca precisou.

Quem já criou filhos sabe como essa dinâmica se repete dentro de casa. É comum que o filho mais obediente, mais presente, mais dedicado aos deveres da família, sinta uma pontada de injustiça quando vê o irmão mais rebelde receber atenção especial num momento de crise ou de retorno. Essa pontada não precisa ser reprimida ou tratada como pecado imediato.

Merece, isso sim, ser trazida à luz e conversada, porque o ressentimento silencioso tende a crescer justamente no escuro.

Toda família guarda, em algum canto, as duas figuras dessa história. Aquele que se afastou de forma visível, e aquele que ficou, mas carrega uma mágoa silenciosa por nunca ter se sentido, aos próprios olhos, suficientemente reconhecido. Se você se identificou com o primeiro filho, talvez este seja o momento de considerar o caminho de volta, mesmo que o discurso de desculpas que você ensaiou pareça pequeno demais diante do que aconteceu. Se você se identificou com o segundo, talvez valha perguntar com honestidade se a distância que você sente também não é, de algum jeito, uma forma de se afastar de casa sem nunca ter saído dela.

Há ainda uma terceira posição possível nessa história, a de quem espera. E vale dizer com clareza que esperar bem não é o mesmo que esperar em silêncio absoluto, sem nenhum movimento. O pai da parábola não manda uma mensagem cobrando satisfações. Também não finge que está tudo bem enquanto o filho está longe. Ele simplesmente continua de coração aberto, atento à estrada, pronto para correr assim que reconhecer, ainda de longe, a silhueta de quem ele ama.

Isso é diferente de duas posturas mais comuns dentro de famílias reais. A primeira é a cobrança constante, que tenta forçar a volta antes da hora e geralmente afasta ainda mais. A segunda é a resignação amarga, que trata a distância como definitiva e deixa de nutrir qualquer esperança de reencontro. Entre essas duas existe um caminho mais estreito e mais difícil: continuar amando de verdade, sem controlar o tempo do outro, sem desistir por dentro, mesmo quando por fora parece que nada muda.

Para quem é pai ou mãe de um filho distante, vale uma palavra de cuidado. Esperar bem não significa esperar de forma passiva, sem cuidar de si mesmo enquanto isso. É possível, e necessário, seguir vivendo, cuidando da própria saúde emocional e espiritual, mantendo os outros vínculos familiares saudáveis, mesmo enquanto o coração permanece atento à

estrada. Uma espera amarga, que se transforma em amargura generalizada contra a vida, raramente ajuda no dia do reencontro. Uma espera vivida com esperança, mesmo com dor, prepara um lar mais capaz de acolher quem volta.

Se você é pai ou mãe de alguém que se distanciou, seja da fé, seja da própria família, o convite desta parábola não é para a perfeição, nem para a garantia de nunca errar. É para a disposição de continuar olhando para a estrada, e de correr ao encontro de quem volta, antes mesmo que o discurso de desculpas termine de ser dito.

Vale reparar também no que levou o filho mais novo a considerar a volta. O texto diz que ele caiu em si depois de tocar o fundo do poço, cuidando de porcos, um trabalho considerado impuro e humilhante para um judeu daquela época. Muitas vezes, dentro de uma família, o caminho de volta só começa depois que a pessoa distante enfrenta, por conta própria, as consequências reais das escolhas que fez. Isso é difícil de aceitar para quem ama essa pessoa e gostaria de poupá-la desse sofrimento. Mas tentar evitar, a qualquer custo, que alguém sinta o peso das próprias escolhas às vezes atrasa, em vez de acelerar, o momento em que essa pessoa decide voltar por conta própria.

Há uma diferença importante entre vergonha e culpa, que vale a pena entender antes de seguir adiante. Culpa diz eu fiz algo errado. Vergonha diz eu sou alguém errado. O filho pródigo carregava as duas coisas ao voltar, mas é a vergonha que o levava a pedir para ser tratado como empregado, não como filho. O abraço do pai, e principalmente a recusa em deixá-lo terminar aquele discurso, ataca diretamente a vergonha, não apenas a culpa. Isso importa porque muitas pessoas hoje evitam voltar para casa, ou para Deus, não por falta de reconhecer o erro, mas por acreditar, no fundo, que deixaram de merecer pertencer àquele lugar.

Se você é essa pessoa, vale uma palavra direta. Sentir vergonha não é o mesmo que estar, de fato, sem lugar. A parábola inteira existe para desmontar essa equação. O filho que voltou fedendo a porco, sem nenhuma conquista para mostrar, sem nenhum mérito recente, foi recebido com festa, não com um período de prova antes de reconquistar a confiança. Isso não significa que reconstruir a relação com uma família ferida seja instantâneo ou automático. Significa que o primeiro passo, o de voltar, não precisa esperar até que você se sinta merecedor o suficiente. Ninguém, nessa história, se sentia merecedor. E foi exatamente aí que o encontro aconteceu.

Para quem está do lado de quem espera, vale pensar em gestos concretos, e não apenas em sentimentos guardados. Uma mensagem de aniversário enviada mesmo sem resposta nos últimos anos. Uma ligação em uma data importante, sem cobranças, apenas para dizer que está pensando naquela pessoa. Um convite recorrente para ocasiões familiares, mesmo sabendo que provavelmente será recusado outra vez. Nenhum desses gestos garante um retorno imediato, mas todos eles mantêm a estrada visível, o tipo de sinal que permite a quem está longe saber que ainda existe um caminho de volta, se um dia decidir percorrê-lo.

Há também uma palavra final para quem se identifica com o filho mais velho, ainda dentro de casa, mas carregando ressentimento. A parábola termina de um jeito propositalmente aberto. O texto não conta se o irmão mais velho, por fim, entrou na festa. Jesus deixa essa decisão em aberto, como um convite direto a quem o ouvia então, e a quem lê essa história hoje. A pergunta que fica não é apenas sobre o que o pai fez, mas sobre o que cada leitor, colocado no lugar daquele filho, decide fazer a seguir.

Essa mesma pergunta pode ser levada, com honestidade, para dentro de qualquer família hoje. Existe alguém, na sua história, que voltaria se soubesse que a festa ainda está de portas abertas? E existe, em você, disposição real para entrar nessa festa, mesmo que ache que alguém ali não mereça estar sendo celebrado daquele jeito?

Vale reparar, também, no verbo usado para descrever a reação do pai ao avistar o filho. O texto diz que ele foi movido por compaixão, uma expressão que no grego original carrega a ideia de algo sentido nas entranhas, um tipo de comoção física, visceral, não apenas um sentimento passageiro de simpatia. Não foi um gesto calculado, decidido depois de avaliar se o filho merecia ou não aquele acolhimento. Foi uma resposta imediata, do corpo inteiro, ao ver de longe a silhueta de alguém que fazia falta.

Essa mesma dinâmica se repete, em menor escala, em tantas famílias reais. Um pai que vê o carro do filho estacionando na rua depois de meses de silêncio, e sente o peito apertar antes mesmo de qualquer palavra ser trocada. Uma mãe que reconhece, ao telefone, uma mudança de tom na voz de um filho distante, e já sabe, antes de qualquer explicação, que algo mudou para melhor. Esses momentos físicos, viscerais, de reconhecimento e alívio, fazem parte da linguagem mais antiga do amor familiar, uma linguagem que muitas vezes precede qualquer palavra articulada.

Vale, também, estender essa reflexão para além da relação entre pais e filhos. A mesma dinâmica de afastamento e espera acontece entre irmãos que deixam de se falar depois de uma disputa de herança, entre cônjuges separados que ainda mantêm, sem admitir abertamente, uma esperança de reconciliação, entre amigos que um dia foram próximos como família e se perderam de vista por razões que já ninguém lembra com clareza. A parábola do filho pródigo, embora fale especificamente de pai e filho, oferece um padrão que serve para qualquer relação em que o amor genuíno permanece, mesmo depois que o convívio se rompeu. Se você reconhece, em alguma dessas descrições, uma relação da sua própria vida, vale perguntar com honestidade se você já fez, por essa relação, o que o pai da parábola fez pelo filho: continuar olhando para a estrada, com o coração aberto, disposto a correr ao primeiro sinal de que a distância pode estar prestes a diminuir.

Terapeutas familiares usam, às vezes, a expressão perda ambígua para descrever a dor de ter alguém vivo, mas inacessível: um filho que ainda

existe no mundo, mas que não atende ligações, não responde mensagens, não aparece em datas importantes. Diferente de um luto por morte, que tem um início e, com o tempo, um processo mais claro de elaboração, a perda ambígua permanece em suspenso, sem fechamento, renovando a esperança e a dor a cada tentativa de contato que não é respondida. Reconhecer esse tipo específico de sofrimento, e buscar apoio para atravessá-lo, seja através de comunidade de fé, aconselhamento pastoral ou terapia, não é sinal de fé fraca. É reconhecimento honesto de uma dor real, que a parábola do filho pródigo, por si só, não promete resolver rapidamente.

Vale, ainda, considerar que a espera descrita na parábola não é passiva no sentido de resignada, mas também não é ansiosa no sentido de controladora. Há um equilíbrio delicado entre continuar de coração aberto e não deixar que essa espera consuma toda a energia emocional disponível para viver os outros aspectos da vida. Pais que se dedicam exclusivamente a esperar um filho distante, a ponto de negligenciar os outros filhos, o próprio casamento ou a própria saúde, correm o risco de, no dia do reencontro, já não terem mais a mesma disponibilidade emocional que gostariam de oferecer. O convite da parábola não é para uma espera que paralisa a vida inteira em função de uma ausência, mas para uma espera que convive, de forma saudável, com a continuidade da vida ao redor, mantendo o coração aberto sem que essa abertura se torne o único assunto de cada dia.

Vale terminar este capítulo com uma imagem simples. Uma casa que pratica esse tipo de espera ativa costuma manter, de algum jeito, um lugar posto à mesa, mesmo quando ninguém sabe ao certo quando esse lugar será ocupado de novo. Não é um gesto de ingenuidade, nem uma negação da dor real que existe na distância. É uma declaração silenciosa, repetida a cada refeição, de que o convite continua válido, e de que essa casa, apesar de tudo, ainda espera por quem falta.

PARA REFLETIR

- 01 *Existe alguém na sua família que se afastou, e para quem você ainda não saiu de fato ao encontro?*
- 02 *Existe em você algo do filho mais velho, uma mágoa silenciosa por sentir que precisa conquistar um amor que já é seu por direito?*
- 03 *O que mudaria se você tratasse a própria espera, hoje, como algo ativo, e não apenas como resignação?*

04

Palavras que Curam, Palavras que Ferem

Há uma frase de Provérbios costumeiramente citada em contextos de liderança, de discurso público, de ética profissional, mas raramente aplicada onde ela provavelmente dói mais: dentro de casa. *“A língua tem o poder de vida e morte, quem a ama comerá do seu fruto”* (Provérbios 18:21, NVI).

É curioso como somos, em geral, mais cuidadosos com as palavras que dizemos a estranhos do que com as que dizemos a quem mais amamos. Um colega de trabalho raramente ouve de nós, num momento de raiva, o que um filho ou um cônjuge já ouviu em algum momento de cansaço extremo. Talvez seja porque a intimidade nos dá a falsa sensação de que qualquer coisa dita pode ser desfeita depois, só porque o amor é grande o suficiente para absorver o impacto. Mas palavras ditas com raiva, mesmo dentro de uma relação de amor genuíno, deixam marca. Algumas marcas levam anos, às vezes décadas, para cicatrizar.

A carta de Tiago traz uma orientação simples, mas que exige disciplina real. *“Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se”* (Tiago 1:19, NVI). Repare na ordem. Primeiro ouvir, só depois falar, e a ira por último, quase como um freio de emergência para os casos em que as duas primeiras disciplinas já falharam. A maioria das brigas familiares acontece na ordem inversa. Falamos rápido, ouvimos pouco, e deixamos a irritação decidir o tom da conversa antes mesmo de entendermos direito o que o outro quis dizer.

Paulo oferece um critério prático para medir as próprias palavras antes de dizê-las. *“Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que transmita graça aos que a ouvem”* (Efésios 4:29, NVI). É um teste simples de aplicar, mesmo no meio de uma discussão acalorada: o que estou prestes a dizer vai edificar essa pessoa, ou vai apenas aliviar a minha própria irritação por um segundo?

Discordar dentro de uma família não é, em si, um problema. Famílias saudáveis discordam sobre criação dos filhos, sobre dinheiro, sobre fé, sobre praticamente tudo que importa. O problema não é o desacordo. É o que fazemos com a raiva que ele desperta. Paulo escreve aos efésios algo bastante prático. *“Quando ficarem irados, não pequem. Não permitam que o sol se ponha enquanto durar a ira de vocês”* (Efésios 4:26, NVI). Não é proibido ficar irritado com quem se ama. É perigoso deixar essa irritação se acumular, dia após dia, sem nunca ser resolvida.

Nem toda ferida vem de palavras explicitamente cruéis. Muitas vezes o dano vem do tom, do sarcasmo, dos olhos que reviram, do silêncio usado como punição depois de uma discussão. Famílias que se orgulham de nunca gritar podem, ainda assim, ferir profundamente através de um desprezo mais frio e mais difícil de nomear, porque ele não deixa nenhuma frase específica para apontar depois.

Há um tipo de mágoa familiar que não nasce de uma única discussão grande, mas de pequenas frases repetidas ao longo de anos. Um comentário sobre uma escolha profissional que soou como desprezo. Uma comparação entre irmãos dita sem pensar. Uma crítica repetida tantas vezes que se tornou, na cabeça de quem ouviu, uma verdade sobre si mesmo.

Quando a palavra errada já foi dita, e ela sempre será dita, mais cedo ou mais tarde, em qualquer família, o que importa não é a ausência de erro, mas a capacidade de reparo. Um pedido de desculpas específico, que nomeia exatamente o que foi dito e por que doeu, costuma curar muito mais do que um genérico desculpa por qualquer coisa que eu tenha feito. Reparar bem exige coragem para ser preciso sobre a própria falha, em vez de se esconder atrás de uma desculpa vaga que não custa quase nada a quem a diz.

Se você suspeita que carrega, ou que causou, algum desses ferimentos, talvez o primeiro passo não seja um grande discurso de reconciliação, mas uma frase simples e honesta, difícil de dizer em voz alta: eu errei na forma como falei isso com você.

Vale uma nota especial sobre comunicação entre pais e filhos adolescentes, uma fase em que mal-entendidos costumam se multiplicar. Muitos pais, acostumados a décadas de autoridade sobre os próprios filhos, sentem dificuldade em ajustar o tom conforme a criança cresce e passa a ter opiniões próprias, muitas vezes divergentes. O que soava como orientação necessária quando o filho tinha oito anos pode soar como controle

excessivo quando ele tem dezesseis, mesmo que a intenção dos pais continue sendo a mesma. Isso não significa que pais devam abrir mão de orientar os filhos por medo de gerar atrito. Significa reconhecer que a forma de comunicar essa orientação precisa amadurecer junto com quem a recebe. Perguntas abertas, que convidam à reflexão, costumam funcionar melhor nessa fase do que ordens diretas, que tendem a provocar resistência automática, mesmo quando o conteúdo da orientação está certo.

O mesmo vale, de um jeito diferente, para a comunicação entre cônjuges depois de muitos anos de casamento. É comum que casais deixem de explicar o próprio ponto de vista, presumindo que o outro já sabe o que pensam depois de tanto tempo juntos. Essa suposição, embora compreensível, costuma alimentar mal-entendidos silenciosos que se acumulam justamente por nunca serem verbalizados.

PARA REFLETIR

- 01 *Existe alguma frase antiga, dita dentro da sua família, que você ainda carrega, de um lado ou de outro?*
- 02 *O que mudaria se, na próxima discordância, você tentasse ouvir por completo antes de responder?*
- 03 *Existe algum pedido de desculpas específico, ainda não feito, que você poderia dizer em voz alta essa semana?*

05

Quando a Fé de Um Não é a Fé de Todos

Toda família que dura o suficiente, mais cedo ou mais tarde, esbarra numa realidade desconfortável. Nem todos dentro da mesma casa vivem a fé da mesma maneira. Pais que rezam o terço todas as noites podem ter filhos que preferem orar em silêncio, caminhando. Gerações mais antigas, acostumadas a rituais fixos e horários definidos, muitas vezes olham com estranheza para filhos e netos que buscam uma espiritualidade mais livre, menos amarrada a formas. O inverso também acontece. Gerações mais novas, às vezes, descartam rituais antigos sem entender a profundidade que eles carregam para quem os pratica há décadas.

É tentador, nesse tipo de situação, tratar a diferença como um problema a ser corrigido, como se apenas um jeito de crer fosse o certo, e todos os outros precisassem, cedo ou tarde, se converter a ele. Paulo, escrevendo aos romanos sobre um conflito parecido dentro da igreja primitiva, cristãos que discordavam sobre práticas religiosas específicas, oferece uma orientação surpreendentemente moderna. *“Recebam quem é fraco na fé, mas não para discutirem assuntos controversos”* (Romanos 14:1, NVI). O apóstolo não está pedindo que todos concordem. Está pedindo que a comunhão não dependa do acordo total.

Paulo usa, em outra carta, uma imagem que ajuda a pensar sobre isso dentro de uma família. *“Como o corpo é somente um, mas tem muitos membros, todos os membros do corpo, embora sejam muitos, são um só corpo”* (1 Coríntios 12:12, NVI). A imagem foi escrita para pensar a igreja como um todo, mas se aplica bem a uma família de fé. Um corpo saudável não precisa que todos os membros façam a mesma função. Precisa que cada parte, diferente das outras, continue conectada ao mesmo corpo.

Vale notar o que essa passagem não autoriza. Ela não trata como equivalentes a fé verdadeira e a ausência completa de fé. A diferença de que Paulo fala é entre expressões distintas de uma fé genuína, não entre crer e simplesmente abandonar tudo. Dentro de uma família, essa distinção importa. Há espaço legítimo para formas diferentes de orar, de celebrar, de se aproximar de Deus. Isso não significa que qualquer indiferença deva ser tratada como apenas mais uma expressão válida entre outras. A tarefa de uma família não é apagar a diferença entre profundidade e indiferença. É reconhecer, com honestidade, onde está cada um, sem fingir que a distância não existe, e sem transformar cada domingo em campo de disputa.

No Brasil, é cada vez mais comum encontrar famílias em que convivem, sob o mesmo teto, tradições religiosas diferentes: um cônjuge católico e outro evangélico, pais praticantes e filhos que se declaram sem religião, avós de uma denominação e netos de outra. Essa diversidade, que antigamente era tratada quase sempre como problema a ser resolvido pela conversão de um

lado ao outro, também pode ser vivida como um convite ao respeito mútuo, sem que isso signifique abrir mão da própria convicção.

Há uma pergunta que costuma ajudar mais do que qualquer discurso. Em vez de perguntar por que você não reza como eu rezo, perguntar o que essa forma de orar significa para você. A primeira pergunta já chega carregada de julgamento. A segunda abre espaço para entender, e muitas vezes para descobrir que a distância era menor do que parecia, só vestida de um jeito diferente.

Isso é especialmente verdadeiro entre gerações. Muitos pais, ao verem os filhos se afastarem das formas tradicionais de praticar a fé, sentem como se estivessem perdendo a batalha mais importante da vida. Mas vale lembrar que a fé de uma pessoa costuma amadurecer em etapas, e que a forma como um jovem de vinte anos vive a espiritualidade raramente é a forma final que essa fé vai assumir ao longo da vida inteira. Julgar precocemente esse processo, tratando qualquer diferença de estilo como uma perda definitiva, pode fechar portas que, com paciência, permaneceriam abertas.

Há uma dor particular reservada aos pais cujos filhos, depois de criados dentro de uma fé específica, decidem na vida adulta não professar nenhuma. É uma dor legítima, que não precisa ser minimizada com frases prontas. Mas vale lembrar que a fé de Loide e Eunice, avó e mãe de Timóteo, não garantiu por si só as escolhas de cada pessoa na família ampliada daquela época, sobre as quais a Bíblia não relata nada. O que ficou registrado, e o que permanece como semente disponível, foi a fidelidade sincera dessas duas mulheres, independente do resultado final em cada pessoa ao redor delas.

Isso não significa que uma família deva abrir mão de transmitir aquilo em que acredita. Significa escolher como transmitir. Pela imposição, que costuma produzir rebeldia ou fingimento. Ou pelo exemplo somado ao espaço, vivendo a própria fé com sinceridade, e

deixando que cada membro da família encontre, com o tempo, o próprio caminho até ela.

Vale, ainda, distinguir entre duas formas diferentes de silêncio dentro de uma conversa sobre fé em família. Existe o silêncio de quem está processando uma dúvida real, ainda em construção, e que se sente inseguro para verbalizá-la por medo de decepcionar os pais. E existe o silêncio de quem já decidiu se afastar e apenas evita o confronto direto. Tratar os dois casos da mesma forma, com o mesmo grau de urgência ou de preocupação, tende a piorar a situação do primeiro grupo, que muitas vezes só precisa de espaço e paciência para amadurecer aquilo que ainda está em formação.

Também vale considerar o papel dos exemplos práticos dentro dessa conversa. É comum que pais expliquem a própria fé em termos abstratos, doutrinários, sem contar histórias concretas de como essa fé realmente sustentou momentos difíceis da própria vida. Filhos, especialmente os mais jovens, costumam se conectar muito mais com relatos pessoais e específicos do que com princípios gerais, por mais corretos que esses princípios sejam. Contar, por exemplo, um momento real em que a oração trouxe algum tipo de clareza ou de força, tende a comunicar mais do que qualquer explicação teológica bem construída.

Há, por fim, um tipo de humildade necessária para essas conversas, que costuma ser difícil para pais que passaram a vida inteira na posição de ensinar, não de aprender. Reconhecer, em voz alta, que a própria fé também já passou por dúvidas, por períodos de distância, por perguntas sem resposta fácil, tende a aproximar muito mais do que apresentar uma fé sem nenhuma fissura visível, que soa, aos ouvidos de um filho cético, mais como propaganda do que como testemunho sincero. Isso não significa fingir dúvidas que não existem, apenas para parecer mais compreensivo. Significa contar a história completa da própria fé, incluindo as partes difíceis, em vez de apresentar apenas a versão polida que costuma aparecer em testemunhos públicos.

No fim, cada família encontra seu próprio ritmo para essas conversas. O que continua verdadeiro em qualquer ritmo é que a paciência, sustentada ao longo de anos, costuma valer mais do que qualquer argumento único, por mais bem construído que pareça numa única conversa.

Vale, também, considerar o papel dos casamentos inter-religiosos dentro dessa discussão, uma realidade cada vez mais comum. Casais que decidem se unir apesar de pertencerem a tradições de fé diferentes, ou mesmo apesar de um dos dois não professar nenhuma fé específica, enfrentam desafios particulares na hora de decidir como educar os filhos nesse aspecto. Não existe uma resposta única que sirva para todos os casos, mas a experiência de muitas dessas famílias sugere que a honestidade sobre as diferenças, desde o início, tende a gerar menos conflito no futuro do que a expectativa silenciosa de que o outro, com o tempo, vai mudar de posição.

Independentemente da configuração específica de cada família, vale um princípio que atravessa este capítulo inteiro: respeitar a fé, ou a falta dela, de quem se ama, não é o mesmo que concordar com ela, nem significa abrir mão de expressar com sinceridade aquilo em que você mesmo acredita. É possível, ao mesmo tempo, permanecer firme na própria convicção e tratar com genuíno respeito a jornada espiritual de cada pessoa da família, mesmo quando essa jornada segue um caminho diferente do que você escolheria para ela.

Uma prática que algumas famílias adotam, com bons resultados, é conversar abertamente sobre o que cada pessoa considera inegociável em termos de fé, e o que está aberto a variações individuais. Por exemplo, uma família pode concordar que participar do jantar de Natal e de Páscoa juntos é importante para todos, independente da convicção religiosa de cada um, enquanto a frequência a cultos ou missas específicas fica a critério individual. Esse tipo de conversa explícita, feita com calma e sem cobrança, costuma evitar boa parte dos conflitos que nascem de expectativas nunca declaradas abertamente.

Vale notar que esse tipo de acordo não precisa ser definitivo. Famílias mudam, amadurecem, atravessam fases diferentes, e o que parecia inegociável numa determinada época pode se tornar mais flexível depois, assim como o contrário também acontece. Revisitar essa conversa de tempos em tempos, em vez de tratá-la como resolvida para sempre, ajuda a manter o acordo relevante para a realidade atual da família. O mais importante, em qualquer versão desse acordo, é que ele nasça de conversa genuína entre todos os envolvidos, e não seja imposto por quem detém mais autoridade dentro da família sem espaço real para os outros discordarem ou ajustarem os termos.

PARA REFLETIR

- 01 *Existe alguém na sua família cuja fé você julga sem realmente ter perguntado o que ela significa para essa pessoa?*
- 02 *O que mudaria se você trocasse, na próxima conversa difícil sobre esse tema, a pergunta por que você não pela pergunta o que isso significa pra você?*
- 03 *Existe alguma diferença religiosa dentro da sua própria família que você trata hoje como problema, e que talvez pudesse ser tratada como diversidade legítima?*

06

O Silêncio Entre Nós

Existe um tipo de silêncio que é descanso, o silêncio de uma casa depois que todos dormiram, o silêncio de duas pessoas que não precisam de palavras para se sentirem próximas. Existe outro tipo, bem diferente. O silêncio que se instala depois de uma mágoa não resolvida, que cresce devagar, ano após ano, até se tornar tão familiar que ninguém mais lembra exatamente o que o causou, só que ele está lá, presente em cada jantar de família, em cada ligação breve demais, em cada assunto que todos sabem, sem combinar, que é melhor não tocar.

Paulo, ao escrever sobre a ira, oferece uma instrução que parece pensada exatamente para evitar esse tipo de silêncio acumulado. *“Não permitam que o sol se ponha enquanto durar a ira de vocês”* (Efésios 4:26, NVI). É uma imagem quase física, a ideia de que um conflito não resolvido, deixado para o dia seguinte, e depois para a semana seguinte, e depois para o ano seguinte, não desaparece com o tempo. Ele se instala. Cria raízes. Quanto mais fundo cresce, mais difícil se torna arrancá-lo sem ferir tudo ao redor.

Provérbios oferece uma chave prática para começar a romper esse tipo de silêncio. *“A resposta calma desvia a fúria, mas a palavra ríspida desperta a ira”* (Provérbios 15:1, NVI). Muitas famílias evitam retomar um assunto doloroso justamente por medo de que a conversa vire outra briga, repetindo o padrão que gerou o silêncio em primeiro lugar. A instrução aqui é prática: o tom da primeira frase, calmo em vez de acusatório, costuma decidir se a conversa vai reabrir uma ferida ou começar a fechá-la.

Famílias que vivem esse tipo de silêncio prolongado costumam desenvolver uma habilidade estranha, a de conviver de forma aparentemente normal, sorrir em fotos de aniversário, trocar mensagens de bom dia, sem nunca voltar ao ponto exato onde a distância começou. É uma forma de sobrevivência, mas também é uma forma de adiamento, que tende a cobrar seu preço mais cedo ou mais tarde, geralmente nos momentos em que a família mais precisa estar unida.

O silêncio prolongado também cobra um preço que vai além do relacionamento em si. Quem estuda dinâmicas familiares associa conflitos não resolvidos, especialmente entre pais e filhos adultos, a níveis mais altos de desgaste emocional para ambos os lados, mesmo quando a rotina diária parece seguir normalmente. O corpo e a mente carregam aquilo que a conversa evita, mesmo quando se tenta seguir em frente como se nada estivesse pendente.

Se existe, na sua família, um silêncio desse tipo, vale reconhecer uma verdade difícil. Ele raramente se resolve sozinho. Alguém precisa, em algum momento, decidir que a paz aparente já não vale o preço da distância real, e dar o primeiro passo, mesmo sem garantia nenhuma de que o outro lado vai responder do jeito esperado.

Um primeiro passo realista, para quem não sabe por onde começar, costuma ser mais modesto do que se imagina. Não precisa ser uma conversa que resolve anos de mágoa numa tarde só. Pode ser uma mensagem curta, um convite para um café, uma frase que apenas abre a porta sem exigir que o outro já entre correndo: eu queria muito conversar com você sobre uma coisa, quando tiver tempo.

Vale considerar, também, o papel de um mediador nesses casos mais difíceis. Nem toda família consegue romper um silêncio antigo sozinha, e isso não é sinal de fraqueza. Um terapeuta familiar, um conselheiro pastoral, ou mesmo um parente de confiança que não esteja diretamente envolvido no conflito, pode ajudar a criar um espaço mais seguro para a primeira conversa, especialmente quando as tentativas anteriores já terminaram em mais mágoa do que resolução.

Há também famílias em que o silêncio se instalou há tanto tempo que nenhuma das partes lembra mais com clareza como ele começou. Nesses casos, buscar culpados específicos costuma ser menos produtivo do que simplesmente decidir, juntos, que o presente importa mais do que reconstruir com precisão o passado. Nem toda mágoa antiga precisa ser completamente esclarecida para começar a ser deixada para trás. O tempo, por si só, raramente cura esse tipo de distância. O que cura é o que se faz dentro do tempo que passa, mesmo que sejam passos pequenos e imperfeitos, repetidos com paciência.

Vale, ainda, notar que romper um silêncio antigo raramente acontece numa única conversa perfeita, como costuma ser mostrado em filmes. Muitas

vezes é preciso um primeiro contato desajeitado, seguido de outro um pouco menos desconfortável, seguido de um terceiro que finalmente permite alguma abertura real. Esperar que a primeira tentativa já resolva tudo costuma gerar frustração e desistência precoce. O objetivo inicial não precisa ser resolver a mágoa inteira, apenas reabrir uma porta que estava fechada, sabendo que o resto da conversa pode continuar sendo construído aos poucos, ao longo de vários encontros seguintes.

Vale, por fim, uma palavra para quem já tentou romper esse silêncio antes, sem sucesso, e sente que não tem mais energia para tentar de novo. É legítimo precisar de uma pausa depois de uma tentativa que não deu certo, mas vale diferenciar entre uma pausa temporária, que permite recuperar forças antes de tentar de um jeito diferente, e uma desistência definitiva, disfarçada de pausa, que na prática nunca mais é retomada. Se você está nessa pausa agora, talvez valha marcar, mesmo que só para si mesmo, uma data futura para reavaliar se já é hora de tentar de novo, em vez de deixar o silêncio se estender indefinidamente por padrão, sem nenhuma decisão consciente por trás disso.

PARA REFLETIR

- 01 *Existe algum silêncio antigo dentro da sua família que você reconhece ao ler este capítulo?*
- 02 *O que impede, hoje, que esse silêncio comece a ser rompido, e essa razão ainda faz sentido?*
- 03 *Que primeiro passo pequeno, e realista, você poderia dar essa semana?*

07

Perdão: A Ponte Que Reconstrói

Uma das perguntas mais práticas já feitas a Jesus sobre relacionamentos veio do apóstolo Pedro, e trazia embutido um limite. *“Senhor, quantas vezes deverei perdoar o meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?”* (Mateus 18:21, NVI). Pedro já estava sendo generoso para os padrões da época. Sete era, para os rabinos daquele tempo, um número considerado mais do que suficiente. A resposta de Jesus, porém, desloca a pergunta inteira. *“Eu digo a você que não até sete, mas até setenta vezes sete”* (Mateus 18:22, NVI).

Não é provável que Jesus estivesse sugerindo uma contagem literal, como se o perdão número quatrocentos e noventa e um já não fosse obrigatório. O que ele faz é remover o limite da equação. Perdão, nessa lógica, deixa de ser um recurso finito que se esgota depois de certo número de ofensas, e passa a ser uma postura contínua, algo que se pratica de novo e de novo, sempre que for necessário.

Isso é especialmente difícil dentro de uma família, onde as ofensas costumam se repetir. O mesmo padrão de discussão. A mesma mágoa reaberta. O mesmo erro cometido de formas ligeiramente diferentes ao longo dos anos. É tentador, depois de perdoar uma, duas, várias vezes, sentir que já se fez a parte que cabia, e que a próxima ofensa já não merece o mesmo esforço. Mas a lógica de Jesus sugere outra coisa. O perdão dentro de uma família não é um contrato com cláusulas de rescisão. É uma prática que se renova, porque o amor que a sustenta também precisa se renovar.

Paulo repete essa mesma instrução, com outras palavras, aos colossenses. *“Suportem uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros. Perdoem como o Senhor os perdoou”* (Colossenses 3:13, NVI). O verbo suportar, usado logo no início da frase, já indica que conviver de perto, mesmo dentro do amor mais genuíno, vai gerar atrito. A pergunta não é se isso vai acontecer. É o que se faz depois que acontece.

Jesus incluiu esse tema até na oração que ensinou aos discípulos como modelo de toda oração. *“Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores”* (Mateus 6:12, NVI). É uma frase incômoda de repetir com sinceridade, porque ela liga diretamente o perdão que pedimos de Deus ao perdão que praticamos com os outros. Não como uma barganha, mas como um reflexo: quem entende de verdade o tamanho do próprio perdão recebido tende a ter mais disposição para oferecer o mesmo aos que o cercam.

Vale, no entanto, uma distinção importante. Perdoar não é fingir que a dor não aconteceu, nem exige, necessariamente, que a relação volte a ser

exatamente como era antes. Paulo escreve aos efésios algo que serve de modelo. *“Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdando-se mutuamente, como Deus os perdoou em Cristo”* (Efésios 4:32, NVI). Repare que o modelo apresentado é o perdão de Deus, que é real e completo, mas que também não elimina as consequências naturais das escolhas humanas. Perdoar um filho, um cônjuge, um pai, não significa apagar o que aconteceu, nem pretender que nada mudou. Significa decidir não deixar que essa dor continue cobrando, indefinidamente, um preço de quem já pediu para pagar a dívida.

Vale separar três coisas que, na prática, costumam ser confundidas: perdão, reconciliação e confiança restaurada. Perdão é uma decisão interna, que depende de uma pessoa só, a que foi ferida. Reconciliação é o retorno do relacionamento, que depende de duas pessoas dispostas. Confiança restaurada é um processo ainda mais lento, construído aos poucos, através de novas provas de mudança ao longo do tempo. É possível perdoar de verdade sem que a reconciliação aconteça, especialmente quando a outra pessoa não está disposta ou não está mais viva. E é possível reconciliar uma relação sem que a confiança plena volte no mesmo instante, o que costuma frustrar quem espera que tudo se normalize de uma vez.

Há também o perdão dirigido a quem já não está mais presente para receber um pedido de desculpas, ou para ouvir que foi perdoado. Pais falecidos, avós que já partiram, relações encerradas antes que a conversa final acontecesse. Esse tipo de perdão não depende de resposta do outro lado. É um trabalho feito, muitas vezes, diante de Deus e de si mesmo, e que pode trazer alívio real mesmo sem nenhuma cena de reconciliação visível.

Há um lado do perdão que costuma ser esquecido, o de perdoar a si mesmo. Muitas pessoas carregam, dentro de uma família, a culpa por palavras ditas, por anos de distância, por escolhas que magoaram quem amam, e vivem presas a essa culpa muito depois de o outro já ter, de fato, perdoado. Aceitar

o perdão recebido pode ser, em alguns casos, tão difícil quanto conceder o próprio.

Vale também dizer algo sobre o tempo. O perdão verdadeiro raramente acontece num único momento decisivo, como costuma ser mostrado em filmes e novelas. Na maioria das vezes, ele se parece mais com uma decisão tomada muitas vezes seguidas, num processo que inclui recaídas. É normal perdoar alguém sinceramente numa manhã e sentir a mágoa voltar à tona à noite, diante de um gatilho pequeno: uma frase, um gesto, uma lembrança repentina. Isso não significa que o perdão anterior não foi real. Significa apenas que perdoar feridas profundas é um trabalho contínuo, não um evento isolado.

Reconstruir uma relação depois de um rompimento raramente acontece de uma vez. Geralmente exige conversas difíceis, silêncios desconfortáveis, recuos e avanços, e principalmente a disposição de continuar tentando mesmo quando o primeiro passo não resolve tudo. Cada conversa honesta, cada desculpa dita em voz alta, cada decisão renovada de não deixar a mágoa vencer, é mais uma tábuas colocada nessa ponte. E pontes, ao contrário do que parecem à distância, não precisam estar completamente prontas para já começarem a ser atravessadas.

Se existe, na sua família, uma dívida antiga que você ainda cobra, ou uma culpa antiga que você ainda carrega, talvez este seja o momento de dar o primeiro passo sobre essa ponte, mesmo sem saber exatamente onde ela vai terminar.

Vale explorar, com mais cuidado, o que fazer quando o perdão parece impossível de sentir, mesmo depois de muita oração e muita tentativa sincera. É importante separar aqui duas coisas que costumam ser confundidas: o sentimento de perdão e a decisão de perdoar. Sentimentos não obedecem a comandos diretos. Ninguém consegue, por pura força de

vontade, deixar de sentir raiva ou dor no exato momento em que decide. O que é possível decidir, mesmo sem o sentimento correspondente ainda presente, é parar de alimentar a raiva, parar de revisitar a ofensa em pensamento repetidamente, parar de desejar mal à pessoa que causou a dor. Essa decisão, sustentada ao longo do tempo, costuma preceder o sentimento de paz, não o contrário. Esperar sentir perdão antes de decidir perdoar tende a manter a pessoa presa indefinidamente, porque o sentimento raramente chega primeiro.

Há também situações em que a ofensa continua acontecendo, em que a pessoa que feriu não demonstra nenhum arrependimento e continua repetindo o mesmo padrão de comportamento. Nesses casos, perdão não significa permanecer exposto ao mesmo tipo de dano repetidamente. É perfeitamente possível perdoar alguém, no sentido de deixar de desejar vingança e de entregar a Deus o peso daquela dívida, e ainda assim estabelecer limites claros de convivência, distância física ou emocional, ou até o fim de um determinado tipo de contato, quando isso for necessário para a própria saúde e segurança. Perdão não é sinônimo de permitir que o mesmo padrão de dano continue indefinidamente.

Outra pergunta comum é sobre o tempo certo para buscar a reconciliação depois de perdoar. Não existe uma resposta universal para isso. Algumas famílias conseguem retomar o convívio rapidamente depois de uma conversa honesta. Outras precisam de meses, ou anos, de passos pequenos e cautelosos antes que a confiança volte a um nível que permita convivência plena. Comparar o próprio ritmo de reconciliação com o de outra família, ou até com uma história bíblica que parece se resolver rapidamente dentro de um único capítulo, pode gerar uma cobrança injusta sobre um processo que, na vida real, quase sempre demora mais do que se gostaria.

Vale ainda considerar o papel específico do perdão dentro do casamento, onde as ofensas tendem a se acumular de um jeito particular, por causa da proximidade diária. Pequenas irritações não resolvidas, ao longo de anos, podem se transformar num tipo de ressentimento crônico que nenhuma

das partes identifica claramente como mágoa, mas que aparece disfarçado de distância, de irritabilidade constante, de falta de interesse na vida um do outro. Casais que praticam o perdão como hábito regular, e não apenas como resposta a grandes crises, tendem a evitar esse acúmulo silencioso que corrói tantos casamentos por dentro, sem nenhum evento dramático único que explique o desgaste.

Por fim, vale uma palavra sobre o papel da oração dentro desse processo. Muitas pessoas relatam que rezar pela pessoa que as feriu, mesmo sem sentir vontade nenhuma de fazer isso no início, ajuda a amolecer, com o tempo, um coração endurecido pela mágoa. Não se trata de rezar pedindo que a outra pessoa mude, embora isso também seja legítimo, mas de rezar pedindo que o próprio coração de quem ora seja libertado do peso de carregar aquela ofensa por mais tempo. É uma prática que muitas vezes precisa ser repetida dezenas de vezes antes de produzir qualquer alívio perceptível, e isso é normal, não motivo para desistir.

Existe, também, uma armadilha comum ao tentar perdoar rápido demais, pulando etapas importantes de reconhecimento da dor. Um perdão apressado, que nunca permite que a pessoa ferida sinta e nomeie completamente o que sofreu, tende a ser frágil, e a mágoa reprimida costuma reaparecer mais tarde, de forma indireta, através de irritabilidade, distanciamento emocional ou ressentimentos aparentemente desconectados da causa original. Perdoar bem não significa apressar o processo para parecer uma pessoa mais espiritual ou mais evoluída. Significa atravessar, com honestidade, as etapas necessárias, por mais desconfortáveis que sejam, até chegar a uma libertação real, e não apenas aparente.

Vale, ainda, considerar o papel específico do perdão entre pais e filhos adultos, uma relação que carrega uma assimetria histórica difícil de equilibrar. Filhos adultos que foram feridos na infância, por decisões ou atitudes dos próprios pais, muitas vezes enfrentam a dificuldade adicional de perdoar alguém que, décadas depois, pode nem reconhecer

completamente o próprio erro, ou que já não tem mais condições físicas ou emocionais de processar uma conversa profunda sobre o assunto. Nesses casos, perdoar pode significar, na prática, encontrar paz interior independente de uma validação externa que talvez nunca chegue.

Há também o caso inverso, de pais que magoaram os filhos sem nunca ter tido a intenção consciente de fazer isso, agindo dentro dos padrões e limitações da própria criação e da própria época. Reconhecer essa realidade não serve para isentar ninguém de responsabilidade, mas pode ajudar filhos adultos a perdoar com mais compreensão, entendendo que os próprios pais também carregavam feridas e limitações herdadas de gerações anteriores, num ciclo que se repete até que alguém, em algum momento da linhagem familiar, decide conscientemente interrompê-lo.

Essa ideia de interromper ciclos merece atenção própria. Muitas famílias carregam padrões repetidos de mágoa, silêncio ou dureza emocional que atravessam gerações sem que ninguém pare para questionar sua origem. Um avô rígido demais gera um pai emocionalmente distante, que por sua vez gera um filho que jura nunca repetir esse padrão, mas que, sem perceber, reproduz versões mais sutis da mesma dinâmica. Praticar o perdão dentro da própria geração é também uma forma de tentar interromper esse ciclo antes que ele continue se repetindo na geração seguinte, ainda que essa interrupção nunca seja garantida ou completa. Vale lembrar que praticar o perdão, mesmo de forma imperfeita e inacabada, já representa um tipo de vitória sobre esse ciclo de mágoa. Não é preciso perdoar perfeitamente para começar a fazer diferença. É preciso apenas começar, e continuar tentando, mesmo quando o progresso parece lento demais para ser percebido de um dia para o outro.

Vale, ainda, uma palavra de cuidado para situações em que a ofensa envolveu abuso físico, emocional ou sexual dentro da própria família. Nesses casos, o processo de perdão, se e quando a pessoa ferida sentir que está pronta para percorrê-lo, deve andar sempre junto de proteção real e, muitas vezes, de acompanhamento profissional especializado. Perdão

nunca deveria ser usado, por terceiros ou pela própria família, como pressão para que a vítima minimize o que sofreu, silencie o próprio sofrimento ou retome contato antes de estar genuinamente pronta e segura para isso. Deus não pede que ninguém se coloque em risco em nome de uma reconciliação apressada.

Comunidades de fé, incluindo igrejas e grupos familiares mais amplos, têm um papel importante nesse processo, mas nem sempre o exercem bem. É comum que pessoas ao redor pressionem a vítima a perdoar rapidamente, mais para restaurar a aparência de harmonia familiar do que para cuidar genuinamente da pessoa ferida. Uma comunidade madura sabe diferenciar entre acompanhar alguém nesse processo, no tempo que for necessário, e empurrar essa pessoa para uma reconciliação que ainda não é segura ou genuína. Se você está enfrentando esse tipo de situação, vale buscar apoio qualificado antes de qualquer decisão sobre reaproximação, e lembrar que cuidar da própria segurança e saúde emocional não é falta de fé. É, ao contrário, um exercício de sabedoria que a própria Escritura, em tantas outras passagens, também recomenda. Fora desses casos mais graves, para a maioria das mágoas familiares cotidianas, o caminho costuma ser mais direto: reconhecer a dor, decidir não deixá-la governar o coração, e permanecer aberto, na medida do possível, a uma reconciliação genuína, no tempo que ela precisar para amadurecer.

Vale, ainda, considerar o exemplo de famílias que atravessaram rupturas profundas, como traições ou anos de abandono, e que mesmo assim encontraram, com o tempo, algum grau de restauração. Essas histórias não servem como garantia de que toda ferida vai se resolver da mesma forma, e seria desonesto prometer isso. Servem, isso sim, como lembrete de que a restauração continua sendo possível mesmo em situações que, à primeira vista, pareciam definitivamente sem solução. O tamanho da ferida não determina, sozinho, o tamanho da esperança disponível.

Se você está, agora, no meio desse processo, vale lembrar que não existe prazo certo para completar essa jornada. O importante não é chegar rápido

ao final, mas continuar, com sinceridade, dando um passo de cada vez, mesmo quando esse passo parece pequeno demais para fazer alguma diferença visível.

PARA REFLETIR

- 01 *Existe alguém na sua família a quem você ainda não conseguiu perdoar de verdade, não fingindo que está tudo bem, mas decidindo de fato deixar de cobrar aquela dívida?*
- 02 *Existe alguma culpa antiga que você carrega, e que talvez seja hora de aceitar como já perdoada?*
- 03 *Existe alguma diferença, na sua vida, entre já ter perdoado alguém e já ter reconciliado essa relação? O que separa essas duas coisas hoje?*

08

Rituais Sagrados do Cotidiano

Um dos textos mais conhecidos do Antigo Testamento sobre educação familiar não fala de escola, nem de método pedagógico. Fala de conversa cotidiana. *“Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam no seu coração. Ensine-as com persistência aos seus filhos. Fale sobre elas quando estiver sentado em casa e quando andar pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar”* (Deuteronômio 6:6-7, NVI).

Repare no que esse texto descreve. Não é uma aula formal, uma vez por semana, num horário reservado. É algo entrelaçado ao dia comum: sentado em casa, andando pelo caminho, ao deitar, ao levantar. A fé, nessa visão, não é um compartimento separado da vida cotidiana. É o tecido que deveria atravessar todos os outros momentos, inclusive, e principalmente, os mais banais.

A carta aos hebreus oferece um lembrete que vale tanto para a igreja quanto para uma família. *“Importemo-nos uns com os outros para nos incentivarmos ao amor e às boas obras... e não deixemos de nos reunir, mas procuremos encorajar uns aos outros”* (Hebreus 10:24-25, NVI). Reunir-se, aqui, não é apenas estar no mesmo espaço físico. É um compromisso ativo de incentivar o outro, o que exige presença de verdade, não apenas corpos no mesmo cômodo em frente à televisão.

É por isso que os pequenos rituais domésticos importam muito mais do que costumamos reconhecer. Uma oração antes das refeições, por mais breve que seja, não é apenas um gesto de etiqueta religiosa. É um lembrete diário, repetido centenas de vezes ao ano, de que a família depende de algo maior do que o próprio esforço. Uma leitura bíblica compartilhada, mesmo curta, cria um vocabulário comum, uma referência que todos na casa reconhecem quando a vida fica difícil. Uma caminhada, um momento de silêncio conjunto, uma conversa franca ao fim do dia. Todos esses gestos pequenos, repetidos com constância, fazem por uma família o que nenhuma conversa única e solene, por mais bem intencionada, consegue fazer sozinha.

Alguns exemplos práticos ajudam a tornar essa ideia menos abstrata. Uma oração de meio minuto antes do jantar, dita por uma pessoa diferente da família a cada dia. Uma pergunta fixa, feita todo domingo à noite, sobre o que cada um sentiu gratidão durante a semana. Um período sem telas, ainda que de apenas quinze minutos, reservado só para conversa. Uma bênção simples, dita por um dos pais sobre os filhos antes de dormir, mesmo quando já são adolescentes ou adultos que ainda moram em casa.

Um erro comum é achar que esses rituais precisam ser grandiosos, ou idênticos aos que uma geração anterior praticava, para terem valor. Famílias diferentes encontram formas diferentes de viver essa mesma instrução. Para alguns será o terço rezado toda noite. Para outros, uma oração livre e breve antes de dormir. Para outros ainda, uma caminhada semanal em silêncio, ou uma conversa aberta sobre o dia, sem roteiro fixo. O que importa não é a forma exata, mas a constância, o fato de que, dia após dia, a fé volta a ser praticada em conjunto, e não apenas lembrada individualmente quando alguém tem tempo.

Vale também uma palavra sobre resistência. É comum que algum membro da família reaja com desconforto à proposta de retomar esses rituais, especialmente se eles foram abandonados por muito tempo, ou se nunca existiram de forma consistente em casa. Isso é esperado, e não deve ser motivo para desistir na primeira tentativa. Rituais, por definição, se constroem com repetição. Raramente parecem naturais logo na primeira ou segunda vez, e é normal que adolescentes, em especial, recebam a proposta com os olhos revirados antes de, com o tempo, passarem a valorizá-la mais do que admitem em voz alta.

Vale um cuidado especial com os rituais durante períodos difíceis, como doenças, lutos ou crises financeiras. É justamente nesses momentos que muitas famílias abandonam os pequenos hábitos de fé, exaustas demais para mantê-los. Mas é também nesses momentos que eles mais fazem falta. Simplificar o ritual, sem abandoná-lo por completo, costuma ser mais sustentável do que interrompê-lo esperando retomar quando a vida ficar mais fácil, um momento que, para muitas famílias, nunca chega.

Um bom ponto de partida costuma ser pequeno de propósito. Não é preciso reformar a rotina inteira da família de uma vez. Basta escolher um único gesto, sustentado com paciência durante algumas semanas, até que ele deixe de exigir esforço consciente e comece a acontecer quase sozinho, como qualquer outro hábito bem estabelecido.

Se a sua família não tem hoje nenhum momento fixo dedicado a isso, talvez o convite deste capítulo não precise ser grandioso. Escolher uma oração antes do jantar, ou uma frase de gratidão dita em voz alta antes de dormir, e sustentar esse gesto até que ele deixe de ser um esforço e comece a ser, de fato, um hábito da casa.

Vale, ainda, pensar em como adaptar esses rituais conforme a fase da família muda. Uma oração antes do jantar que funciona bem quando os filhos são pequenos pode precisar de ajustes quando eles se tornam adolescentes, e de outros ajustes ainda quando saem de casa e passam a visitar apenas ocasionalmente. Famílias que insistem em manter exatamente o mesmo formato de ritual ao longo de décadas, sem nenhuma flexibilidade, correm o risco de vê-lo se tornar cada vez mais vazio, praticado por obrigação e não por convicção. O desafio não é encontrar o ritual perfeito e definitivo, mas manter viva a intenção por trás dele, ajustando a forma conforme necessário.

Isso também vale para famílias que se reconfiguram ao longo do tempo, através de casamentos, novos filhos, ou até separações. Um ritual que fazia sentido para uma composição familiar específica pode precisar ser reinventado quando essa composição muda. O importante, nesses casos de transição, não é preservar a forma antiga a qualquer custo, mas preservar o propósito que sustentava aquela forma, encontrando um jeito novo de expressá-lo dentro da configuração atual da família.

Vale também mencionar o papel da tecnologia nesse contexto, já que ela costuma ser tratada apenas como vilã dessas conversas. É verdade que o uso excessivo de telas compete diretamente com o tempo e a atenção que os rituais familiares exigem. Mas a mesma tecnologia, usada com intenção, também pode servir de ponte para famílias que moram longe umas das outras. Uma chamada de vídeo semanal com avós distantes, um grupo de mensagens onde a família compartilha um versículo ou uma gratidão diária, um aplicativo de leitura bíblica compartilhada, tudo isso pode funcionar

como extensão dos mesmos rituais que antigamente aconteciam apenas presencialmente.

Por fim, vale um lembrete simples, mas fácil de esquecer: rituais existem para servir a família, não o contrário. Quando um determinado hábito, por mais bem-intencionado que tenha sido no início, passa a gerar mais tensão do que união, vale questionar se ele ainda cumpre o propósito para o qual foi criado, ou se já é hora de deixá-lo ir e buscar uma nova forma de expressar a mesma intenção original. Famílias saudáveis revisam, de tempos em tempos, se os rituais que praticam ainda fazem sentido, sempre voltando à pergunta mais importante: isso ainda está nos aproximando de Deus e uns dos outros?

Vale, ainda, uma palavra sobre a diferença entre ritual e rotina vazia. Uma família pode manter um mesmo gesto religioso por anos, repetindo palavras e gestos automaticamente, sem que ele continue carregando o significado original. Isso não é motivo para abandonar o ritual, mas é motivo para revisitá-lo de tempos em tempos, perguntando com sinceridade se aquele hábito ainda comunica alguma coisa real, ou se já virou apenas um item cumprido por costume, esvaziado do sentido que um dia teve.

Uma forma simples de testar isso é observar a reação das crianças e adolescentes da casa durante o ritual. Impaciência ocasional é normal e não significa necessariamente que algo esteja errado. Mas um desinteresse constante, acompanhado de silêncio total sempre que alguém tenta explicar o motivo daquele gesto, pode ser um sinal de que está na hora de renovar a forma, sem abandonar a intenção que sustenta a prática desde o início.

Vale, ainda, uma sugestão para famílias que sentem dificuldade em manter qualquer tipo de constância, mesmo depois de tentar diversas vezes. Em vez de buscar um ritual diário, que exige disciplina considerável, pode ser mais realista começar com algo semanal, como um almoço de domingo com um

momento fixo de oração ou leitura, mais fácil de sustentar do que um compromisso diário logo de início. Depois que esse ritual semanal se firma, muitas famílias descobrem que fica mais natural, com o tempo, expandir para uma frequência maior, se assim desejarem.

Vale, também, considerar o papel de registrar esses momentos, de alguma forma, para que não se percam com o tempo. Um caderno simples, onde a família anota motivos de gratidão ditos em voz alta, ou pedidos de oração ao longo dos anos, se torna, com o tempo, um tipo de memória viva da fé daquela casa, um registro que os filhos, décadas depois, podem revisitar como parte concreta do próprio legado familiar. Esse tipo de registro não precisa ser elaborado ou constante. Mesmo anotações esparsas, feitas de vez em quando, ao longo de muitos anos, acabam formando um retrato precioso de como aquela família viveu sua fé no dia a dia, muito além do que a memória sozinha conseguiria preservar.

PARA REFLETIR

- 01 *Que pequeno ritual de fé poderia ser reintroduzido essa semana na rotina da sua família?*
- 02 *Existe algum momento do dia, sentados à mesa, no caminho, antes de dormir, que já acontece naturalmente, e que poderia ganhar esse novo significado?*
- 03 *Como sua família costuma lidar com os rituais de fé nos períodos mais difíceis? Isso poderia mudar?*

09

Legado: A Fé Que Passa Adiante

Paulo, escrevendo ao jovem Timóteo, faz uma observação pessoal que costuma passar despercebida em meio a instruções mais doutrinárias. *“Recordo-me da sua fé não fingida, que primeiro habitou em Loide, a sua avó, e na sua mãe, Eunice, e estou convencido de que também habita em você”* (2 Timóteo 1:5, NVI). É uma frase curta, quase uma nota de rodapé, mas descreve em poucas palavras o que este livro chamou, do início ao fim, de legado. Uma fé que atravessa gerações, não por imposição, mas por transmissão viva.

Nenhuma das duas mulheres citadas por Paulo é protagonista de alguma grande história bíblica. Não há capítulos dedicados a elas, nenhum milagre associado aos seus nomes. Existe apenas uma menção discreta ao fato de que a fé de um homem que ajudaria a moldar o cristianismo primitivo começou, na prática, dentro de uma casa, sustentada por duas mulheres cujos nomes quase se perderiam na história, não fosse essa frase.

O salmista descreve esse mesmo compromisso de outro jeito. *“Não as esconderemos dos nossos filhos, contaremos à próxima geração os louváveis feitos do Senhor, o seu poder e as maravilhas que fez”* (Salmos 78:4, NVI). Repare no verbo escolhido: esconder. A alternativa a transmitir a fé não é apenas o silêncio neutro. É, de certo modo, uma forma de esconder algo que poderia ter sido oferecido livremente a quem vem depois.

Deus descreve a escolha de Abraão usando um critério parecido, ainda mais antigo. *“Porque eu o escolhi para que ordene aos seus filhos e aos de sua casa que se conservem no caminho do Senhor, fazendo o que é justo e direito”* (Gênesis 18:19, NVI). É notável que essa responsabilidade apareça tão cedo na história bíblica, associada tão diretamente à própria vocação de Abraão. Antes de qualquer outra coisa, ele foi chamado para orientar a própria casa.

É um lembrete valioso para qualquer família. O legado de fé raramente se constrói através de gestos grandiosos e memoráveis. Constrói-se através de pequenas fidelidades repetidas ao longo de anos. Uma avó que reza pelos netos mesmo sem eles saberem. Uma mãe que insiste em levar os filhos à igreja mesmo cansada. Um pai que pede desculpas quando erra. Uma família que decide, semana após semana, continuar tentando, mesmo sem garantia nenhuma de que os resultados virão como esperado.

Provérbios oferece uma promessa que soa simples, mas carrega uma responsabilidade real. *“Instrua a criança no caminho em que deve andar, e,*

mesmo com o passar dos anos, não se desviará dele” (Provérbios 22:6, NVI). Vale notar que essa instrução não garante controle sobre o resultado final. Filhos crescem, questionam, às vezes se afastam por um tempo, como tantas histórias bíblicas e reais atestam. O que a instrução garante é a semente. Aquilo que foi plantado com sinceridade, mesmo quando parece esquecido, tende a permanecer disponível para ser retomado, mais cedo ou mais tarde.

Vale lembrar, também, que legado de fé não se limita aos filhos biológicos. Tios, padrinhos, avós por afinidade, vizinhos que assumem um papel de referência, professores de catequese ou de escola dominical, todos podem fazer parte dessa corrente de transmissão. Para quem não teve filhos, ou cujos filhos parecem hoje distantes demais para essa conversa, ainda existe um campo real de influência para plantar essas sementes em outras vidas ao redor.

Uma prática que ajuda muitas famílias a tornar esse legado mais consciente, em vez de apenas esperar que ele aconteça por acaso, é escrever, juntos, uma espécie de compromisso simples sobre o que a família deseja transmitir às próximas gerações. Não precisa ser um documento formal ou solene. Pode ser algumas frases escritas à mão, discutidas numa tarde de domingo, respondendo a perguntas como o que aprendemos sobre Deus que gostaríamos que nossos filhos e netos também soubessem, ou que tipo de casa queremos ser lembrados por termos sido. O próprio processo de escrever essas respostas juntos, mesmo que o resultado final pareça simples, costuma revelar acordos e desacordos importantes que talvez nunca tivessem sido verbalizados de outra forma.

Vale, ainda, considerar que esse tipo de exercício funciona melhor quando revisitado periodicamente, e não apenas escrito uma única vez e guardado numa gaveta. Uma família pode reservar um momento do ano, talvez perto do Ano Novo, ou numa data significativa para a própria história familiar, para reler o que foi escrito e perguntar, com honestidade, se aquele compromisso ainda reflete o que a família deseja ser, ou se precisa de

ajustes. Esse tipo de revisão contínua transforma o legado de algo abstrato e distante em um projeto ativo, revisitado e cuidado ano após ano, em vez de uma boa intenção que se perde no meio da rotina.

Há também valor em compartilhar, com os filhos mais velhos ou já adultos, a própria história de fé dos pais e avós, incluindo as partes difíceis. Muitas famílias guardam silêncio sobre lutas espirituais do passado, crises de fé superadas, períodos de dúvida vividos por gerações anteriores, na tentativa equivocada de proteger os mais jovens dessas informações. Mas conhecer que os próprios pais ou avós também duvidaram, também erraram, também precisaram recomeçar, costuma fortalecer, e não enfraquecer, a fé de quem ouve essas histórias, porque humaniza um caminho que de outra forma pareceria exigir uma perfeição inalcançável.

Se você chegou até aqui, é provável que tenha reconhecido, em algum capítulo deste livro, uma parte da sua própria história familiar. Um silêncio, uma mágoa não resolvida, uma diferença de fé entre gerações, ou simplesmente o desejo sincero de que sua casa volte a ter Deus como fundação, não como decoração. Nenhuma família começa perfeita, e nenhuma termina sem cicatrizes. Mas toda família tem, disponível a qualquer momento, a possibilidade de recomeçar. De voltar a orar junto, de dizer em voz alta o que precisa ser dito, de perdoar o que ainda dói, de construir, mesmo devagar, os pequenos rituais que sustentam uma casa por dentro.

Vale, por fim, uma palavra sobre o tempo que esse legado leva para amadurecer. Sementes plantadas na infância de um filho muitas vezes só florescem décadas depois, às vezes apenas quando essa pessoa já é adulta e enfrenta seus próprios desafios de vida, ou quando se torna pai ou mãe e revisita, com outros olhos, o que recebeu quando criança. Isso significa que muitos pais e avós nunca chegarão a ver, com os próprios olhos, o fruto completo daquilo que plantaram. Isso não invalida o valor do que foi semeado. Apenas exige uma confiança que vai além do resultado visível e imediato.

Vale, ainda, uma reflexão sobre o papel dos avós dentro dessa corrente de legado, um papel que muitas vezes é subestimado dentro da própria família. Avós costumam ter, com os netos, um tipo de paciência e disponibilidade emocional que às vezes faltou quando eram pais dos próprios filhos, ocupados demais com o trabalho e as urgências daquela fase da vida. Essa segunda oportunidade, quando bem aproveitada, pode se tornar um dos canais mais fortes de transmissão de fé dentro de uma família inteira, mesmo quando a geração intermediária, a dos pais, atravessa um período de maior distância espiritual.

Se você é avô ou avó, e sente que já não tem tanta influência quanto gostaria sobre a fé dos netos, vale lembrar que essa influência raramente se mede pelo tamanho dos gestos. Uma oração feita em silêncio pelos netos, mesmo sem que eles saibam, continua sendo uma forma real e válida de plantar sementes que talvez só floresçam depois que você já não estiver mais presente para ver o resultado.

Vale, por fim, uma palavra sobre o medo que muitos pais sentem de não estar fazendo o suficiente por esse legado, comparando a própria trajetória com a de famílias que parecem, de fora, muito mais consistentes ou exemplares. Esse tipo de comparação raramente ajuda, porque nenhuma família vê, de dentro, as próprias falhas e inconsistências do mesmo jeito que enxerga as de fora, de relance, sem todo o contexto. A pergunta relevante não é como sua família se compara a outras, mas se ela está, hoje, mais próxima ou mais distante daquilo que você mesmo reconhece como o caminho certo, e o que é possível fazer, a partir de agora, para caminhar naquela direção.

Vale lembrar, também, que legado não é sinônimo de resultado perfeito. É sinônimo de intenção sustentada ao longo do tempo, mesmo em meio a erros, recomeços e períodos de maior ou menor consistência. Uma família que erra, pede desculpas, aprende e continua tentando deixa, no fim, um legado de fé mais real e mais imitável do que uma que apenas aparenta ter acertado tudo desde o início. Esse é, talvez, o presente mais honesto que

qualquer família pode deixar para as gerações seguintes: não a imagem de uma fé perfeita, mas o exemplo real de pessoas que continuaram tentando, com sinceridade, apesar de tudo.

Vale, ainda, um último lembrete para quem sente que começou esse trabalho tarde demais, com filhos já crescidos, ou até depois de anos de distância dentro da própria família. Não existe um prazo de validade para começar a viver esse legado com mais intenção. Famílias inteiras já se transformaram a partir de uma única decisão tomada tardiamente, depois de décadas de outro padrão. O tempo que já passou não pode ser recuperado, mas o tempo que ainda resta, por menor que pareça, continua sendo suficiente para plantar algo novo e verdadeiro dentro de casa.

Se você chegou ao final deste livro carregando mais perguntas do que respostas prontas, isso não é motivo de preocupação. As questões mais importantes sobre fé e família raramente se resolvem numa única leitura. Elas pedem tempo, oração, conversas difíceis e recomeços repetidos. Que este livro sirva, então, não como um ponto final, mas como um primeiro passo sincero de volta para dentro de casa.

Este livro termina, então, não com uma conclusão fechada, mas com o mesmo convite de Josué, feito há tantos séculos e ainda tão atual quanto no dia em que foi dito. Escolham, hoje, a quem vão servir. E que essa escolha, feita com sinceridade dentro de casa, seja o começo de um legado capaz de atravessar as gerações que ainda virão.

PARA REFLETIR

- 01 *Que fé você gostaria que fosse lembrada, um dia, como tendo habitado primeiro em você, e depois nos que vierem depois de você?*
- 02 *Qual seria, hoje, um primeiro passo simples e real para começar, ou retomar, esse legado dentro da sua família?*
- 03 *Além dos seus filhos, se houver, existe alguém mais na sua vida para quem você poderia, com intenção, começar a transmitir esse legado?*

— ◆ ◆ ◆ —

*Um sol não cobra para nascer.
O mar não cobra para existir.*

—

EDITORA SOL E MAR

contato@solemar.com

livros curados, gratuitos, para todos

2026 · Brasil